

# Pensar o tempo, refletindo sobre nós



No rescaldo das VI Jornadas Clínicas e do X Encontro da AP, a presidente da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicoanalítica, Cristina Nunes, lembra o papel que este organismo tem vindo a assumir na sociedade.



Decorridos na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa nos passados dias 20 e 21 de abril, as VI Jornadas Clínicas e do X Encontro da AP (subordinado ao tema “O Tempo: Análises do Passado, Vivências do Presente, Sonhos do Futuro”) corresponderam, nas palavras de Cristina Nunes, à materialização de dois “momentos anuais de reflexão e encontro de pensamentos”. Enquanto as Jornadas constituíram o palco da reflexão clínica, o Encontro contemplou “aquilo que nos une e enriquece na partilha das diferentes áreas do saber”, tendo-se aberto “um espaço privilegiado à participação do público na discussão e questionamento do conhecimento científico, lugar da Pólis, que tem sido, desde sempre, um ‘tempo’ com muito peso nas nossas iniciativas, que muito nos orgulha e distingue”, enfatiza a nossa interlocutora.

“Foi consensual, entre organizadores e participantes, que neste X Encontro e suas Jornadas a qualidade das intervenções dos convidados e do público foi muito elevada, quer as mais ligadas à Psicanálise, quer as de todas as outras áreas do conhecimento”. Não constituirá, nesse aspeto, surpresa que se afigure difícil destacar qualquer uma delas, muito embora

Cristina Nunes acabe por lembrar, “talvez pelo seu valor inovador para a Psicanálise, a conferência de Carlos Amaral Dias – que incentivou um excelente comentário de Patrícia Câmara” como “o momento alto do programa”. Um elemento comum a ambos os dias foi, no entanto, o poder da “dispersão para elaborar e expandir o pensamento” maior do que o alcance de conclusões “que correm o risco de se tornarem redutoras”.

Significa tal que esta se tornou numa “oportunidade de pensar o tempo através de vários olhares”. Refira-se, nesse sentido, “que há muitos ‘tempos’ e até mesmo o ‘não tempo’, o interno, o da História, o da Música ou o da Física, só para nomear alguns, mas comum a todos os ‘tempos’ é a possibilidade de aprender com a experiência e integrar”, dessa forma, “o presente vivido com e sobre o passado para construir o futuro”, sublinha Cristina Nunes. “Esta mesma integração permite expandir a parte saudável da mente e queremos acreditar que todos os que partilharam conosco esta experiência elaboraram e integraram o que ouviram, cada um à sua maneira, expandindo ainda mais a sua capacidade de pensar”, conclui.

## Apoio aos associados

Fazendo jus a uma das suas mais valiosas missões, a AP tem procurado assumir “um papel ímpar no apoio ao desenvolvimento dos profissionais que abraçam a Psicanálise e a Psicoterapia, não só através do programa de formação propriamente dito, como através de workshops sobre temáticas atuais, conferências e grupos de estudos avançados sobre autores fundamentais”, esclarece a porta-voz.

Mas o apoio que esta Associação proporciona à sua classe profissional consubstancia-se ainda pelos esforços em “facilitar a prática psicoterapêutica”, através de ações como “a divulgação, a Bolsa Social e as parcerias em curso ou em negociação com instituições” várias, sempre em benefício dos associados. De resto, também “a valorização das participações em congressos nacionais e internacionais que a AP proporciona”, bem como a publicação de artigos na revista do organismo, correspondem a exemplos de iniciativas tendo em vista o “desenvolvimento e reconhecimento” dos associados.

## Um papel na sociedade

Nunca é demais salientar que, mediante um percurso de dez anos, os esforços da AP permitiram “a diversificação da Ciência Psicoanalítica”, demonstrando ser “possível e saudável haver mais do que uma entida-

de” representativa desta área profissional e intelectual. É, de resto, mérito deste organismo ter estimulado, no seu seio, “que cada um dos seus membros pense pela sua cabeça e desenvolva a intervenção relacional que mais sentido lhe faz, de acordo com a intergração que faz das suas experiências e reflexões, acompanhadas pelos Didatas”, também estes transmissores de “diferentes olhares da Psicanálise”.

Atitudes como esta permitiram, inclusivamente, “tornar mais acessível ao cidadão comum a terapia psicanalítica, quer pela flexibilidade da regularidade e custo das sessões, quer pela própria diminuição financeira, com aumento dos recursos no investimento da qualificação formativa dos profissionais”, observa Cristina Nunes. Nesse sentido, e sensibilizada às necessidades dos seus associados, a AP sempre defendeu “custos formativos reduzidos, melhorando de sobremaneira a intervenção dos profissionais – mesmo os mais jovens – na sociedade”. Por outro lado, e igualmente digno de nota é o prestígio de que Associação goza junto de entidades portuguesas como a OPP e a FEPPSI ou internacionais como a IFPS.

Já relativamente ao futuro, é expectativa da AP desenvolver novas parcerias comunitárias, “o que poderá vir a trazer a possibilidade que almejamos há anos: ter uma sede própria”, revela a nossa entrevistada. O prosseguir desta expansão será feito “criando mais grupos de trabalho aprofundado sobre temas/autores e integrando o que o tempo e a experiência nos vão oferecendo e que só o tempo futuro desvelará”.

